

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

MULHERES E A MERCANTILIZAÇÃO DA VIDA: reflexões a partir da inserção de grandes projetos na Amazônia.

Rafaela Araujo da Luz Miranda¹

Resumo: Este artigo, tem como objetivo, analisar as violências contra mulheres no contexto Amazônico, a partir da inserção de grandes projetos, frente ao avanço do capitalismo na região. Consiste numa síntese, levando em consideração o processo histórico de subordinação do feminino em relação ao masculino. Tendo como aspectos estruturantes, patriarcado e o racismo. Dessa forma, o trabalho foi conduzido por uma leitura crítica da realidade encaminhado metodologicamente por revisão bibliográfica e documental.

Palavras-chave: Mulheres em situação de violência. Capitalismo. Contexto Amazônico.

Abstract: This article aims to analyze violence against women in the Amazonian context, from the insertion of large projects, in the face of the advance of capitalism in the region. It consists of a synthesis, taking into account the historical process of subordination of the feminine in relation to the masculine. Having as structuring aspects, patriarchy and racism. Thus, the work was conducted by a critical reading of reality methodologically guided by bibliographical and documentary review.

Keywords: Women in situations of violence. Capitalism. Amazon context.

1 Introdução

O presente artigo traz compreensões sobre as violências e as consequências sociais, culturais, e múltiplas repercussões nas vidas das mulheres, a partir da particularidade da expansão do capitalismo na Amazônia e tem como objetivo, analisar as violências contra mulheres no contexto Amazônico, a partir da inserção de grandes projetos, frente ao avanço do capitalismo na região. Dessa forma, “O ser mulher” nessa sociedade regida por um modo de produção que atenua, as desigualdades entre classes sociais, mercantilização e exploração do corpo, nota-se

¹ Programa de Pós Graduação em Serviço Social-UFPA; Mestranda; rafaelaluz91@gmail.com

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



que é imbricado diretamente por aspectos estruturais e históricos na sociedade, bem como a dominação patriarcal ² e o racismo.

Desse modo, é válido ressaltar que as violências contra mulheres, tem seu fundamento estruturante, o patriarcado, sistema de opressão e dominação. Nessa perspectiva é necessário apreender que o patriarcado não foi algo plasmado imposto sem nenhuma base, muito pelo contrário é algo construído e reforçado durante décadas. E esse sistema, carrega sobretudo a proposição de inferioridade da mulher e é justamente nesse sistema e a partir dele que as diversas formas de violências contra mulheres se legitima e reproduz.

Contudo, depreende-se que na Sociedade capitalista-burguesa, não se há a separação das determinações: exploração capitalista, patriarcado raça e etnia, ao contrário ambas se fortalecem nesta perspectiva de exploração sobre o corpo e subjetividade das mulheres, especialmente no contexto Amazônico, que carrega como marca central a colonização, alicerçada em Políticas favorecedora a questão agrária e dependente.

Nesse caminho, o presente artigo, traz reflexões a partir de uma pesquisa bibliográfica e documental, tendo em vista os principais projetos inseridos na Amazônia, bem como suas repercussões nas vidas de mulheres. Dessa forma, este artigo está dividido da seguinte forma: introdução, dois tópicos de desenvolvimento, sendo o primeiro caracterizado a partir da expansão do capitalismo na Amazônia e os grandes projetos, o segundo pela violência de gênero referente as mulheres e, por fim, foram tecidas considerações sobre o objeto em questão.

2 A EXPANSÃO DO CAPITALISMO NA AMAZÔNIA E OS GRANDES PROJETOS.

² No período patriarcal, a mulher tinha funções voltadas, prioritariamente, para a reprodução e era intensamente submetida ao poder masculino. (BORIS E CECÍDIO, 2007, P. 453)

PROMOÇÃO



APOIO





Antes de mais nada, registra-se que o presente estudo pretende fazer uma breve discussão acerca da expansão do capitalismo na Amazônia. Logo, nas linhas introdutórias, pretende traçar um caminho histórico para se chegar a atual conjuntura, tendo em vista, que a história do Brasil é caracterizada por um histórico de colonização e escravidão. Um País fortemente dependente da exportação, dos países hegemônicos.

A esse respeito, Behring e Boschetti (2009) apontam que embora o Brasil tenha se emancipado e ultrapassado a colonização, tornando-se uma República desde o século XIX, é perceptível que o País não conseguiu superar sua dependência em relação ao contexto mundial. O Brasil, na sua formação histórico-social construiu dois modelos de sociedade: o escravista colonial, subordinado à economia colonialista e o capitalismo dependente subordinado ao imperialismo (MOURA, 1983 p.135).

Isso ocasionou uma ligeira modernização e industrialização, além da complexidade em relação à entrada da força de trabalho operária sem qualificação para, manusear os meios de produção. Resultando em certo retardamento na consciência de classe e política, por parte dos/as trabalhadores/as, sendo manifestados os primeiros indícios de movimentos operários, apenas a partir do século XX. Encadeado, dentre outros aspectos, pelo bloqueio das revoluções dentro da ordem, no qual as inovações e mudanças ocorrem para legitimar ainda mais o controle, engendrado pela industrialização, tendo como característica os modelos históricos de modernização. Dessa forma, compreende-se, que:

As ações da classe negadoras, da dependência, do subdesenvolvimento, dos privilégios, da opressão institucionalizada, do desemprego em massa e da miséria generalizada, elas se convertem em meios estruturais de perpetuação do capitalismo selvagem e de preservação do status quo” (FLORESTAN FERNANDES, p. 43).

Por esse motivo, muitos autores/as afirmam que no Brasil houve um capitalismo tardio. Neste contexto, é válido ressaltar que a questão social era tratada de forma bem pontual e dispersa e pouco foi contemplada pelas legislações implementadas no período da República Velha (1889 a 1930), isso porque, não havia

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUIS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



o fortalecimento de classe nem movimentos sociais, tampouco, sindicatos que amparassem os/as trabalhadores/as.

A Assistência prestada a estes/as se limitava a iniciativa privada, com postura de caridade e benevolência. O capitalismo mundial foi, desde o início, colonial/moderno e eurocentrado. Sem relação clara com essas específicas características históricas do capitalismo, o próprio conceito de “moderno sistema-mundo” (QUIJANO, 2005, p.120).

Via de regra, pode-se inferir que o capitalismo dependente é o colonialismo moderno, que conduz a sociedade de classes como estrutura fundante de sua formação histórica. Dessa forma, o capitalismo dependente, está frequentemente se organizando, a partir das estruturas, econômica e política da sociedade hegemônica predominante. Segundo, Florestan Fernandes “o primitivo capitalismo mercantilista, não se evapora, ele continua entranhado no espírito dos agentes econômicos externos e internos, todos orientados por uma mentalidade especulativa predatória (p. 52).

Além da discussão de classe, reverberado na modernização do colonialismo, outro aspecto central a ser traçado, é a relação com a raça e etnia, já que desde o início da colonização, a classificação racial da população, foi direcionada, por uma perspectiva racista, na qual uma raça obtinha vantagens em detrimento de outra, concernente ao trabalho.

A “associação das novas identidades raciais dos colonizados com as formas de controle não pago, não assalariado, do trabalho, desenvolveu entre os europeus ou brancos a específica percepção de que o trabalho pago era privilégio dos brancos” (QUIJANO, p.120, 2005). Dessa forma, isso reverberou “numa quase exclusiva associação da branquitude social com o salário e logicamente com os postos de mando da administração colonial. Assim, cada forma de controle do trabalho esteve articulada com uma raça particular” (QUIJANO, 2005, p.119,).

Traçando uma linha histórica, da colonização e sua modernização, com a implementação do modo de produção capitalista, tendo como base estruturante o

PROMOÇÃO



APOIO





racismo e o patriarcado. Importa, discorrer, que o capitalismo cria estratégia para se metamorfosear, o neoliberalismo por exemplo é uma de suas estratégias, é um esforço de manter a hegemonia da classe dominante “restabelece o poder de determinadas frações de classe a partir da reconfiguração de determinados arranjos hierárquicos sejam sistemas monetários, estruturas políticas ou formas organizacionais que impactem o capital nos seus aspectos local ou global” (TEIXEIRA, p. 166).

Aponta-se que o caminho lógico de entendimento, para entender a inserção do avanço do capitalismo na Região Amazônica, por meio da implementação de grandes projetos, é o mesmo com relação ao Brasil. Levando em consideração, que o avanço compulsório do capitalismo na região, desconsidera os impactos socioambientais e a subjetividades dos moradores local.

Tendo em vista, que a implantação dos grandes projetos, geralmente vem imbricado nas falas dos detentores do meio de produção, de que estariam trazendo desenvolvimento para região, tal como ocorreu na década de 60, com o slogan *uma terra sem homens para homens sem terra*. Ocultando, os problemas referentes ao meio ambiente, as violências, pobreza e tantos outros aspectos prejudiciais na região. Dessa forma “ Na Amazônia, o modelo econômico, além de ser gerador de enormes conflitos sociais, entra em choque com as populações naturais da região ao destruir sua forma de vida, seu ambiente natural e sua identidade cultural” (LOUREIRO, 2002, p.118). Além disso, vale salientar, que:

A natureza não tem sido considerada como parceira e aliada para estabelecer um real desenvolvimento da região. Ao contrário disso, a floresta aparece nos planos e programas federais para a região nas últimas décadas ora como um obstáculo a ser vencido, ora como simples objeto a ser explorado, ora como um almojarifado inesgotável de riquezas que, portanto, não se precisa ser repostos. (LOUREIRO, 2022, p. 113).

Destaca-se, que o Estado levado por uma perspectiva neoliberal, é condizente com o prisma da propriedade privada, responsabilização do sujeito, mínimos sociais, e vantagens para a classe dominante. Segundo Harvey, institui-se o Imperialismo, o qual o Estado impõe, suas regras, estilo, de desigualdades socioculturais, geográfica

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



e política. “Cria-se aqui uma base para desenvolvimentos geográficos desiguais, lutas geopolíticas e diferentes formas de política imperialista. O imperialismo não pode assim ser entendido sem que primeiro lutemos com a teoria do Estado capitalista em toda a sua diversidade” (HARVEY, 2005 p. 149,). Reverberando e expandindo:

A mercadificação e a privatização da terra e a expulsão violenta de populações camponesas; a conversão de várias formas de direitos de propriedade (comum, coletiva, do Estado etc.) em direitos exclusivos de propriedade privada; a supressão dos direitos dos camponeses às terras comuns [partilhadas]; a mercadificação da força de trabalho e a supressão de formas alternativas (autóctones) de produção e de consumo; processos coloniais, neocoloniais e imperiais de apropriação de ativos (inclusive de recursos naturais); a monetização da troca e a taxação, particularmente da terra; o comércio de escravos; e a usura, a dívida nacional e em última análise o sistema de crédito como meios radicais de acumulação primitiva. O (HARVEY, 2005, p. 121).

Entende-se que o Estado ao buscar o interesse do capitalismo, redefine o papel da Amazônia no âmbito Nacional e Internacional. Com a implementação dos projetos na região, como fornecedora de matérias primas, força de trabalho, reverbera “em parcela significativa de trabalhadores sem experiência de assalariamento (quilombolas, castanheiros, quebradeiras de coco de babaçu, ribeirinhos e outros) em outros assalariados secundários” (NASCIMENTO, 2009, p. 44).

A exemplo de projetos implantados na Região Amazônica, podemos citar: a construção das estradas na Amazônia, almejando a ocupação da região, especialmente das pessoas que moravam na região sul e sudeste, projeto JARI; a exploração de bauxita pela Companhia Vale do Rio Doce; a exploração de minério de ferro pelo Programa Grande Carajás, produção de alumina e alumínio pelo Projeto Albras-Alunorte, em Vila do Conde (Murucupi), distrito de Barcarena, no estado do Pará, as Usinas hidrelétrica Belo Monte e de Tucuruí.

E tantos outros projetos que se instalam na região, vendendo a ideia de desenvolvimento, no entanto, reflete em expropriação, que se tornam agressivas e violentas, que utilizam força de trabalho, matérias primas, conhecimento sobre diversidade, técnicas tradicionais, que estão sob o controle do Estado capitalista. “Todas as características da acumulação primitiva que Marx menciona permanecem

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada
Internacional
Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



fortemente presentes na geografia histórica do capitalismo até os nossos dias. A expulsão de populações camponesas e a formação de um proletariado sem terra” (HARVEY, 2005 p.121,). Em síntese, são projetos predatórios, excludente, que causam insegurança da população, especialmente sobre os corpos de mulheres, que será discutido no próximo tópico.

3 VIOLÊNCIA DE GÊNERO NO CONTEXTO AMAZÔNICO.

Antes de mais nada, importa pontuar que, a região Amazônica caracteriza-se como espaço de tensionamento sistemático, interposta por conflitos ambientais, os quais a comunidade local é altamente prejudicada em detrimento dos interesses do capital. Segundo Ferreira e Santana (2018, p.80) “essa destruição continuará a afetar os seres humanos que, no geral, vivem do seu trabalho (homens, mulheres, negros, indígenas, gays, lésbicas), ou seja, pessoas do gênero humano, em especial os pobres ao redor do mundo”.

Compreende-se que a violência contra as mulheres no contexto Amazônico, também faz parte de um dos reflexos da lógica do Estado capitalista. Ainda que não tenha surgido com tal modo de produção, mas certamente é fortalecido pelo sistema patriarcal, um dos aspectos fundantes desta sociedade, o qual é fortalecido a opressão de classe, gênero raça e etnia. Logo:

Violência de Gênero é todo o ato de violência que tenha ou possa ter como resultado um dano ou sofrimento físico, sexual e psicológico para a mulher, inclusive as ameaças de tais atos, a coação ou a privação arbitrária da liberdade, tanto produzidas na vida pública como no espaço privado (LISBOA, 2014, p.36).

A violência de gênero por meio das lutas feministas é uma temática que atualmente tem se constituindo gradativamente no campo dos direitos, saindo do âmbito privado e se alicerçando no âmbito público. Sendo que as diversas representações da violência eram por hora naturalizadas pela sociedade.

Dessa forma, vale ressaltar, que por meio de muita luta, mulheres conquistaram o direito ao voto, a estudar, a lei Maria da Penha, a qual cria mecanismo

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

de inibir as múltiplas violências contra mulheres, além desta, em 2015 foi sancionada a lei do feminicídio e tantas outras leis e conquistas, proveniente da resistência feminista. No mais, pode-se citar alguns órgãos de operacionalização dessas leis, bem como: Delegacias Especializadas, Casa da Mulher Brasileiras, Centros Especializados da Assistência Social, atendimento integral à saúde, e entre outros mecanismos de proteção e apoio a mulheres em situação de violência. Passando a fazer parte da discussão de deliberações das Políticas Sociais.

Nesse sentido, é válido ressaltar que conforme Alves (2013), nascer mulher em uma sociedade capitalista, patriarcal e machista, já é um agravante, pois as desigualdades de gênero, ainda é muito acentuada, ao percebermos o mercado de trabalho quando a mulheres recebem um salário inferior fazendo a mesma função que os homens, uma maior responsabilização em Políticas Públicas e trabalho doméstico, além do aumento do trabalho informal feminino, desprotegidas por leis trabalhistas. Segundo Sousa, Oliveira e Franco (2017, p. 3) as mulheres tendem a viverem a pobreza de forma mais atenuada e "entre os fatores que contribuem para a vulnerabilidade das mulheres, estão o acesso desigual ao trabalho remunerado, rendimentos inferiores, falta de proteção social e acesso aos bens, incluindo terras e propriedades".

Verifica-se que no referido estudo, a questão territorialidade torna-se um ponto crucial para perceber que nesse contexto conflituoso no que tange à intervenção do Estado nas Políticas Sociais, além do Estado neoliberal destinar pouco recurso comparado as demandas advindas da sociedade, pouco leva em consideração as especificidades de algumas regiões brasileiras, tal como: a Amazônia.

No tocante, vale ressaltar que a região Amazônica, sempre apresentou papel de “destaque” para servir aos interesses do grande capital, tanto no âmbito nacional quanto internacional. Sendo considerada como uma importante fonte de lucro, já foi fornecedora do trabalho escravo do povo indígena, já foi destaque na produção das drogas do sertão, do período da borracha e atualmente e segundo Loureiro:

É mais recentemente que ela tem sido mais explorada: seja como fonte de ouro, como em Serra Pelada, que serviu para pagar parte da dívida nacional,

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

deixando na região apenas as belas reproduções das fotografias que percorreram o mundo, mostrando a condição subumana do trabalho dos homens no garimpo; seja como geradora de energia elétrica para exportar para outras regiões do Brasil e para os grandes projetos, que a consomem a preços subsidiados, enquanto o morador da região paga pela mesma energia um preço bem mais elevado; seja como última fronteira econômica para a qual milhões de brasileiros têm ocorrido nas últimas décadas, com vistas a fugirem da persistente crise econômica do país, buscando na Amazônia um destino melhor (o que, infelizmente, poucos encontram) (2002, p. 107,).

Nessa direção, por meio de uma pesquisa bibliográfica e levantamento de dados secundários, referente as múltiplas violências contra mulheres, nessa região. Os dados do Mapa da violência (2021) apontam, aumento em caso de feminicídios na Região Amazônia. E dentre os estados com as maiores taxas de homicídios de mulheres foram Roraima (12,5), Acre (7,5) e Amazonas (5,7). Com relação a raça, verifica-se os estados que apresentaram maior risco relativo de vitimização letal de mulheres negras foram Rio Grande do Norte (5,2), Amapá (4,6) e Sergipe (4,4). Entre 2009 e 2019, o total de mulheres negras vítimas de homicídios apresentou aumento de 2%, passando de 2.419 vítimas em 2009, para 2.468 em 2019.

Segundo artigo da Agência Brasil, durante a construção da hidrelétrica de Belo monte, houve aumento significativo de prostíbulo na região, sabendo-se que não é proibido no Brasil tal “empreendimento”. O cerne da questão, é a comercialização dos corpos das mulheres e as condições objetivas e subjetivas, que estão expostas. “O Estado faz permitir a visibilização e estruturação do setor do trabalho sexual para ter maior controle, podendo, assim, arrecadar mais impostos e controlar melhor a força de trabalho sem que isso, necessariamente, caminhe no sentido dos interesses das trabalhadoras”. (FALQUET, 2014, p. 251, APUD BARROSO 2017, p. 96). Além disso, dentre as múltiplas violências, as quais assolam vidas de mulheres que estão inseridas na Amazônia, no contexto dos grandes projetos, estão:

O não reconhecimento do trabalho doméstico e do campo; a ausência das mulheres nos espaços deliberativos; a não qualificação das mulheres do campo para o trabalho urbano; a forma autoritária e truculenta com que os funcionários das empresas tratam e discriminam as mulheres; a ausência de serviços básicos que inviabilizam a mobilização e a participação das atingidas; a perda dos vínculos com a comunidade e a quebra dos laços familiares; e o agravamento da violência e prostituição (BARROSO, 2017, p. 95).

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



Em uma sociedade patriarcal caracterizada pela valorização do machismo, reforçado e legitimado pelo Estado, influencia diretamente na imagem feminina e seu papel social, familiar e profissional na sociedade. Do mesmo modo, carrega o estereótipo de marginalização, uma vez que não atua diretamente na geração de lucro na sociedade capitalista, além de atender em sua grande maioria a classe trabalhadora.

Contudo, faz-se necessário validar que tais comportamentos, fazem parte da lógica dessa sociedade capitalista, o qual o intuito é obter vantagem em tudo que puder, e a violência contra mulher, é mais uma forma de legitimar a sociedade patriarcal pelo processo histórico de subordinação que o feminino tem ao masculino. Dessa forma, “desvelar esse naturalismo no terreno da história é um passo fundamental para o processo de formação da consciência das mulheres e de superação das relações de apropriação e exploração que se encontram implicadas (CISNE, 2014, p.101).

A esse respeito Cisne e Santos (2018) em seu livro intitulado "Feminismo, diversidade sexual e Serviço Social" traçam uma discussão sobre os diversos pontos norteadores de uma sociedade capitalista e suas consequências e reforço ao machismo, por meio das relações de hierarquia de opressão e exploração entre os sexos. Nesse sentido as autoras corroboram que o patriarcado não surgiu espontaneamente, mas em relações concretas, dentre elas:

- 1) as relações sociais de sexo / sexualidade; 2) a constituição da família hetero patriarcal-monogâmica associada ao controle sobre a subjetividade e o corpo (e seus produtos- como o controle da procriação e a criminalização do aborto) da mulher e do que é associado ao feminino em toda sua heterogeneidade expressão; 3) a divisão sexual e racial do trabalho; 4) a violência contra a mulher e a população LGBTI(CISNE;SANTOS, 2018,p.45).

Concernente ao assunto, tal citação nos faz apreender que o patriarcado não foi algo plasmado imposto sem nenhuma base, muito pelo contrário é algo construído e reforçado durante décadas. “O tripé gênero-raça/etnia-classe exerce pressões

PROMOÇÃO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



numa determinada direção. O uso de coneito(s) inscrito(s) neste nível assegura o afastamento do relativismo absoluto” (SAFFIOTI, p. 76).

Acredita-se que as diversas formas de violências contra mulheres na Amazônia, não são invisibilidades e sim desconsideradas pelo Estado. Já que vários movimentos sociais, resistem a implantação dos projetos e lutam por melhores condições de vida, podendo citar o Movimento atingidos por Barragens, (MAB) que denuncia as múltiplas violências sofridas por mulheres. Pontuando, que as barragens estimulam a violência, o tráfico de mulheres, aspectos que tem a conivência das empresas instaladas na Região. No mais, verifica-se que não existem Políticas Públicas específicas e consolidadas para mulheres que vivem na Amazônia, mais especificamente nas proximidades dos grandes projetos. Por esse motivo, a discussão deve ser ampliada, levando em consideração a exploração de classe, mas sobretudo a opressão entre gênero, raça e etnia.

4 CONCLUSÃO

No presente estudo buscou-se compreender o histórico predatório dos grandes projetos implementados na Amazônia, traçando uma breve discussão sobre as múltiplas violências, a tendência da mercantilização dos corpos responsabilização do sujeito e das famílias, e das mulheres, expostas pelo desemprego estrutural, atenuação da pobreza, aspectos que potencializa o agravamento das desigualdades de gênero, raça e etnia, povos originários, reflexo de um estado neoliberal, excludente e omissor.

As inquietações desta experiência é resultado dos debates durante a disciplina de Formação social no Brasil e na Amazônia. No qual foi possível, gerar reflexões sobre as condições de trabalho e de existência da população residente na Amazônia. Nesse estudo, em questão, foi abordado como elemento impulsionador, a discussão de gênero, por entender que as mulheres tendem a vivenciar a pobreza e desigualdades de forma mais atenuante, expostas cotidianamente, as múltiplas violências.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

Trazendo a compreensão da totalidade das relações sociais constituídas numa dada sociabilidade histórica, no caso, na fase madura do capitalismo tardio, o que possibilitou o descortinamento das suas contradições elementares e como elas contribuem para o processo de barbarização da vida social, em particular na Amazônia e sua constituição como integradora da ordem social capitalista (MANDEL, 1982).

Em síntese, o estudo traçou uma discussão incipiente a partir a partir das leituras realizadas. Porém, a proposta não esgota nesse artigo, por entender que as discussões relacionada a Amazônia, não é algo acabado e tampouco se pode compreendê-la de forma isolada dos elementos sócio históricos da sociedade capitalista, no caso da referida região, a história da população é marcada pelas frequentes expropriações, deslocamentos compulsórios, desigualdades e variáveis manifestações de múltiplas violências contra mulheres

REFERÊNCIAS

BARROSO, Milena. **Violência contra mulheres em grandes projetos na Amazônia**. Argum, Vitória v. 9, n. 1, p. 89-102, jan./abr. 2017.

BRAGA, C. S; SOARES, M, F. **Família e violações de direitos sociais no sudeste do Pará**. Temporalis, Brasília (DF), ano 17, n. 34, jul./dez. 2017.

CASTRO, Mary Garcia. **Marxismo, feminismos e feminismo marxista – mais que um gênero em tempos neoliberais**. Revista Crítica Marxista: Dossiê Marxismo e Feminismo. [2000]. Disponível em: <<http://www.criticamarxista.com.br>>. Acesso em: 10 out. 2022.

CERQUEIRA, Daniel. **Atlas da Violência 2021: homicídios de mulheres no Brasil**. São Paulo: FBSP, 2021. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/publicacoes>. Acesso em: 23 Out. 2022.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

CISNE, Mirla. **Feminismo e consciência de classe no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2014.

CLASTRES, P. **A sociedade contra o estado**. Coletivo Sabotagem, 2004.

FERNANDES, Florestan. **Capitalismo Dependente e Classes Sociais na América Latina**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

FERREIRA, B. J. P. ; SANTANA, J. V. . **A dialética conhecimento/transformação do mundo no legado marxista**. ARGUMENTUM (VITÓRIA), v. 10, p. 70-83, 2018.

GOMES, V. L. B.; NASCIMENTO, Maria Antonia Cardoso ; CASTILHO, D. R. **.Precarização do trabalho profissional da/o Assistente Social na Amazônia brasileira: Particularidades do estado do Pará**. O SOCIAL EM QUESTÃO (ONLINE), v. 01, p. 331-354-354, 2021.

HARVEY, D. A acumulação via espoliação. In: _____ **O novo imperialismo**. São Paulo: Loyola, 2014, p. 115 – 133.

IAMAMOTO, Marilda Villela. **Renovação do Serviço Social no Brasil e desafios contemporâneos**. Serv. Soc. Soc., São Paulo, n. 136, p. 439-461, set./dez. 2019. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/sssoc/n136/0101-6628-sssoc-136-0439.pdf> Acessado em 18 de junho de 2023.

LAKATOS, Eva Maria & MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de pesquisa**. 3ª edição. São Paulo: Editora Atlas, 1996.

LEMONS, Esther Luíza de Souza. **40 anos da virada e a contribuição da Serviço Social & sociedade na disseminação da produção intelectual**. Serv. Soc. Soc. no.136 São Paulo set./dez. 2019.

LOUREIRO, V. **Amazônia: uma história de perdas e danos, um futuro a (re)construir**. Estudos Avançados 16 (45), 2002 p 107-121.

MANDEL, E. **O capitalismo tardio**. São Paulo: Nova Cultural, 1982.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política**. Vol. 1. Livro Primeiro: O processo de produção do capital. Tombo I. Trad.: Reginaldo Sant'Anna- Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003; Cap. VIII.

MOURA, Clovis. **Escravidão, colonialismo, imperialismo e racismo**. Afro-Asia, n. 14, 1983, p. 124-137.

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada
Internacional
Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



NASCIMENTO, Maria Antônia Cardoso do. **O paradoxal desenvolvimento do estado do Pará: efeitos no social.** In: SCHERER, Elenise. Questão social na Amazônia. Manaus: Edua, 2009.

NASCIMENTO, MARIA CARDOSO; CRUZ, SANDRA HELENA RIBEIRO; PONTES, Reinaldo Nobre. **Desigualdade e diversidade: o fator amazônico no contexto da Política de Assistência Social no Pará.** TEXTOS & CONTEXTOS (PORTO ALEGRE), v. 18, p. 32011, 2019.

NETTO, José P. **Capitalismo Monopolista e Serviço Social.** São Paulo: Cortez, 1992.

PEREIRA, Camila Potyara. **Proteção social no capitalismo:** crítica a teorias e ideologias conflitantes. São Paulo, Ed. Cortez, 2016.

PONTES, Reinaldo, Nobre. **Mediação e Serviço Social.** São Paulo, Cortez, 1995.

PORTO GONÇALVES, C.W.. **Amazônia, encruzilhada civilizatória:** Tensões territoriais em curso. Rio de Janeiro: Consequência, 2017.

PRATES, Jane. **O método marxiano de investigação e o enfoque misto na pesquisa social uma relação necessária.** TEXTOS & CONTEXTOS v. 11, n. 1, jan./jul. 2012.

QUIJANO, A. **Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina.** In: LANDER, E. A. **Colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas.** Buenos Aires: CLACSO, 2005, 117-142.

SAFFIOTI, Heleieth. **Violência de gênero: o lugar das práxis na construção da subjetividade.** Lutas Sociais, São Paulo, n. 2, 1997.

SANTOS, J. S.. **O enfrentamento conservador da questão social e desafios para o Serviço Social no Brasil.** SERVIÇO SOCIAL & SOCIEDADE, v. 136, p. 484-497, 2019.

SOUSA; Dayana Helena; OLIVEIRA, Ariel Paula; FRANCO, Ana Cristina. **GÊNERO E POBREZA: um estudo comparativo de casos na Rodoviária do Plano Piloto - DF.** Florianópolis, 2017

PROMOÇÃO



APOIO